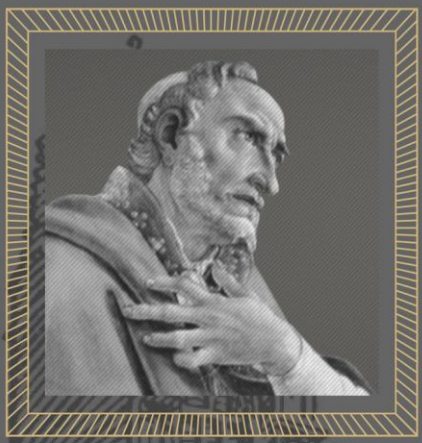
# Perseverança dos Santos







Daniel Gomide

# PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

A Reforma Protestante nos deixou como legado dois princípios hermenêuticos que muitas vezes são negligenciados na leitura da Escritura. O primeiro princípio ficou conhecido como analogia da fé. Esse princípio se fundamenta na harmonia interna da Escritura. A Revelação tem sua fonte no próprio Deus que fala e age. E de acordo com a própria Escritura, "Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa; porventura diria ele, e não o faria? Ou falaria, e não o confirmaria?" ( Nm 23:19). E o salmista escreveu: "A tua palavra é muito pura; portanto, o teu servo a ama" (Salmos 119:140). Deus não mente! A Palavra Dele é pura. Então por harmonia das Escrituras deve-se entender que a Bíblia é livre de erros e de contradições nos autógrafos e que há coerência e consistência em seu conteúdo. Descrevendo algumas facetas da analogia da fé, Carl Trueman escreve: "Primeiro, ela assume a coerência e consistência do

ensino da Bíblia, de tal forma que as passagens que parecem se contradizer deveriam ser entendidas como compatíveis. A dificuldade de perceber sua coerência é uma falha da interpretação ou do entendimento, não o sinal de um problema real no texto".[1] Entretanto, isso não significa que estamos livres de dificuldades ao interpretar toda e qualquer passagem das Escrituras. Antes, o princípio analogia da fé preconiza que passagens mais obscuras devem ser interpretadas à luz de passagens mais claras. Vanhoozer confirma: "Ser aprendiz da Escritura é começar a ver Cristo, a *res*, como *insight* fundamental daquilo de que trata a Escritura. É aprender a invocar a chamada analogia da fé (cf. Rm 12.6), que significa, em primeiro lugar, usar passagens mais claras para interpretar as que são menos claras".[2]

---

[1] R., C. T.; KOLB, R. **Entre Wittenberg e Genebra:** teologia luterana e reformada em diálogo. Brasília, DF: Monergismo, 2017. 44 p.

[2] VANHOOZER, K. J. **Autoridade Bíblica Pós-Reforma**. São Paulo: Vida Nova, 2017. 171 p.

O segundo princípio pode ser denominado "dedução lógica". Lógica pode ser definida como a ciência da inferência necessária.[3] O exemplo mais utilizado é o seguinte:

Premissa 1: Todos os homens são mortais

Premissa 2: Sócrates é um homem

Conclusão: Sócrates é mortal

Ao consideramos as premissas 1 e 2, obtemos por inferência necessária a conclusão. Esse princípio é importante para a fé cristã porque há muitas doutrinas bíblicas que não estão expressas na Bíblia. Por exemplo, não há um versículo na Bíblia que diz que Deus é um em essência e três em pessoa. Mas essa é uma conclusão obtida a partir de textos das Escrituras. A Bíblia diz que há um só Deus (Dt 6:4). Por outro lado, a Bíblia ensina que o Pai é

---

[3] Para um estudo mais detalhado sobre a lógica de uma perspectiva cristã, veja a séria de palestras de John W. Robbins traduzidas e disponibilizadas no Youtube na página Projeto Gordon Clark: https://www.youtube.com/channel/UCLZPBMs6-pXlZi-1nqdmRnQ.

Deus, que o Filho é Deus e que o Espírito Santo é Deus. Todavia, não há três deuses. Há um só Deus e três pessoas. Essa é a doutrina da Trindade lógica e claramente deduzida das Escrituras. Tal princípio foi inserido no Capítulo I, inciso 6, da Confissão de Fé de Westminster: "Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela".[4] Com esses dois princípios em mente estudaremos agora a doutrina da perseverança dos santos.

## DEFINIÇÃO E BASE BÍBLICA

Essa doutrina é afirmada no Capítulo V dos Cânones de Dort e ensina que os eleitos de Deus permanecem continuamente na graça justificadora até a glorificação final, mas não em virtude de suas

[4] Para um interessante artigo sobre como a aritmética pode ser deduzida das Escrituras, veja J.C. Keister em Matemática e a Bíblia, disponível em: http://www.monergismo.com/textos/filosofia/matematica-biblia_keister.pdf

próprias forças, e sim pela poderosa preservação do Deus trino. O jargão que resume tal doutrina é: uma vez salvo, sempre salvo. Uma definição mais detalhada é apresentada por Herman Hoeksema:

> A perseverança dos santos é um ato da graça de Deus pelo qual ele preserva os crentes e santos em Cristo Jesus, em seu poder e por meio da fé, até o fim para a salvação e glória, de forma que eles lutam o bom combate da fé, e de forma que nunca possam cair da graça que uma vez receberam.[5]

Podemos olhar para as promessas que teriam cumprimento na Nova Aliança e observar como a doutrina da perseverança dos santos pode ser logicamente deduzida. Em Deuteronômio 30:6 lemos: "E o Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, para amares ao Senhor teu Deus com todo o coração, e

[5] HOEKSEMA, H. Perseverança dos Santos. **Covenant Protestant Reformed Church**. Disponivel em: <http://www.cprf.co.uk/languages/portuguese_perseveranceofsaints.htm#.W2CgF9UzqM8>. Acesso em: 31 julho 2018.

com toda a tua alma, para que vivas". A circuncisão do coração é uma metáfora do Antigo Testamento que envolve uma purificação interna, bem como uma marca, um sinal da aliança. Assim como o arco-íris foi um sinal da promessa de Deus na aliança feita com Noé, assim também a circuncisão era um sinal da promessa na aliança abraâmica (cf. Gn 17). Entretanto, o sinal externo indicava a necessidade de purificação interna para que o homem pudesse se relacionar com Deus. Então a promessa pactual era de que o coração seria purificado, pois é do coração do homem que procede toda impureza (cf. Mt 15:19). Mas essa circuncisão seria feita por Deus para "amares ao Senhor teu Deus com todo o coração, e com toda a tua alma, para que vivas".

Desse verso deduzimos que a obra de salvação que envolve a circuncisão do coração é para trazer vida. No centro da promessa pactual está o propósito de trazer vida aos mortos espirituais. Se esse é o propósito de Deus, podemos inferir que Ele

não pretende doar a vida para que depois a pessoa se perca e morra!

Ainda no Antigo Testamento, podemos olhar para Jeremias 32:40: “E farei com eles uma aliança eterna de não me desviar de fazer-lhes o bem; e porei o meu temor nos seus corações, para que nunca se apartem de mim”. Novamente, a obra de Deus atinge o coração rebelde de Seu povo que tanto se desvia Dele. Mas Deus afirma que em sua aliança eterna infundirá temor no coração de seu povo para que não se aparte Dele. Desse verso podemos extrair a conclusão de que o povo do Senhor não se aparta Dele porque o próprio Deus o preserva ao infundir Seu temor nos corações.

No Novo Testamento podemos ler em Mateus 16:18: “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Jesus é aquele que edifica a igreja. Ele comprou a igreja com Seu próprio sangue (Atos 20:28). Paulo afirma:

> Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível (Efésios 5:25-27).

Em virtude de Cristo ser aquele que edifica a igreja e tendo em vista o amor de Deus por Sua noiva, é impossível que as portas do inferno prevaleçam contra ela. Jesus é o defensor da igreja!

Em João 5:24 nosso Senhor Jesus afirma: "Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida". Contra toda distorção pelagiana ou semipelagiana, Jesus garante que aquele que crê tem a vida eterna e não entrará em condenação! É interessante notar que Paulo inicia o capítulo 8 da epístola aos Romanos com uma sentença similar: "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus,

que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito". João Calvino, em seu Comentário ao Evangelho de João, escreveu:

> Não há impropriedade em dizer que *já passamos da morte para a vida; pois a semente da vida incorruptível [1Pe 1.23]* reside nos filhos de Deus e já se acham sentados na glória celestial com Cristo por meio da esperança [Cl 3.3] e já têm *o reino* estabelecido *em seu íntimo* [Lc 17.21]. Pois ainda que sua *vida esteja oculta*, por essa causa não deixam de possuí-la pela fé; e ainda que estejam cercados de todos os lados, pela fé não deixam de desfrutar de calma, eles sabem que estão em perfeita segurança pela proteção de Cristo. Todavia, lembremo-nos de que os crentes estão agora em vida de tal maneira que levam consigo a causa da morte; o Espírito, porém, que em nós habita, *é vida*, o qual por fim destruirá os resquícios da morte, pois é verdadeira a declaração de Paulo, que *a morte é o último inimigo que será destruído* [1Co 15.26]. E deveras esta passagem nada contém que se relacione com a completa destruição da morte, nem da inteira manifestação da vida. Mas ainda que a vida tivesse apenas início em nós, Cristo declara que os crentes estão tão seguros de obtê-la, que não

> devem recear a *morte*. E não carece que fiquemos surpresos com isso, visto que estamos unidos àquele que é a inexaurível fonte de *vida* [grifos no original].[6]

Observe que para Calvino a salvação é uma realidade inabalável, pois tem seu fundamento em uma Rocha inamovível. Se a salvação se ancorasse em nossas ações não deveríamos ter qualquer esperança, pois carregamos em nós a causa da morte, isto é, o pecado (Rm 6:23). Mas a obra de redenção envolve a regeneração que consiste em vivificar os mortos espirituais, concedendo olhos aos cegos (Sl 146:8) e ouvidos aos surdos (Is 35:5). Tal vida, iniciada aqui neste mundo, ainda não exclui todos os vestígios da morte e por isso os crentes ainda são pecadores que precisam se arrepender e pedir perdão: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de

[6] CALVINO, J. **Comentário do Evangelho de João**. São José dos Campos, SP: Fiel, v. I, 2015. 220-221 p.

toda a injustiça" (1 João 1:8,9). Entretanto, o Espírito Santo ao nos regenerar coloca em nosso interior uma semente de vida que permanece para sempre (1Pe 1:23). Se tal semente é incorruptível e permanece para sempre, então os eleitos de Deus não podem perder a vida que lhes foi doada pela graça.

Dessa forma, Calvino afirma que os crentes estão em "perfeita segurança pela proteção de Cristo". Vejam, eles não estão em perfeita segurança porque fazem boas escolhas. Não estão em segurança porque são capazes de se manterem firmes na fé. Eles estão em perfeita segurança pela proteção de Cristo! Nada é deixado para o orgulho da carne. Até mesmo nossa perseverança é devida a preservação e proteção de Cristo!

No capítulo 6 João narra o milagre da multiplicação de pães e também como Jesus andou por sobre o mar. A multidão que fora alimentada observou que os discípulos de Jesus partiram no único barquinho disponível, mas Jesus não estava

nesse barco com os discípulos. Outros barcos chegaram de Tiberíades e a multidão partiu para Cafarnaum em busca de Jesus. Quando encontraram Jesus no outro lado do mar, e sabendo que o único barco disponível foi utilizado pelos discípulos e que Jesus não estava nesse barco, eles perguntam surpresos: "Rabi, quando chegaste aqui?" (João 6:25). Jesus, entretanto, que conhece os corações, traz à luz a intenção deles: "Jesus respondeu-lhes e disse: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes" (João 6:26). Na sequência, Jesus confronta a incredulidade da multidão, informa sobre quem Ele é e qual Seu propósito aqui na terra: "Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (João 6:38). Agora supor que Jesus fracasse em cumprir a vontade do Pai é no mínimo absurdo. Ao mesmo tempo em que caminha com os discípulo, anda por sobre o mar, multiplica pães e peixes, confronta a multidão e os líderes religiosos, Jesus é aquele que sustenta o universo (Hb 1:3). Ele

é poderoso para cumprir a vontade de Seu Pai: “E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia” (João 6:39).

Agora se nos atentarmos para aquilo que a Bíblia ensina sobre a vontade de Deus dificilmente cairemos no erro dos pelagianos e semipelagianos que afirmam ser possível perder a salvação. Isso é um erro porque afronta o claro ensinamento bíblico de que Deus faz todas as coisas segundo o conselho de sua vontade (Ef 1:11). A Bíblia também ensina que: “Todos os povos da terra são como nada diante dele. Ele age como bem lhe apraz com os exércitos dos anjos e com os habitantes da terra. Ninguém é capaz de se opor à sua vontade ou questioná-lo, dizendo: ‘Explica-te! Por que ages assim?’” (Dn 4:35). E ainda: “Contudo, Ele é o Todo-Poderoso! Quem lhe poderá fazer qualquer oposição? Ele faz o que decide fazer, e realiza quando deseja” (Jó 23:13). Também o salmista declara: “Nosso Deus está nos céus; tudo o que deseja, Ele tem o poder de

realizar" (Sl 115:3). Muitos outros versos poderiam ser citados para comprovar a absoluta soberania de Deus. Entretanto, esses versos são suficientes para nosso propósito. E nosso propósito é demonstrar que se a vontade do Pai é que nenhum dos eleitos se perca, segue-se que nenhum dos eleitos se perderá! Jesus reforça essa verdade ao dizer: "Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia" (João 6:40). A vontade do Pai é que todo aquele que crê no Filho tenha vida eterna!

E antecipando toda incredulidade dos pelagianos, Jesus enfatiza novamente que seus eleitos são protegidos pelo Deus Todo-Poderoso:

> As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai (João 10:27-29).

Observe que em João 6:39 Jesus fala que a vontade do Pai é que "nenhum de todos aqueles que me deu se perca". E aqui no capítulo 10 Jesus afirma que Suas ovelhas *nunca* hão de perecer! Isso nos remete a outro texto que contém uma promessa semelhante: "O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos" (Ap 3:5). Os pelagianos costumam transformar essa promessa em ameaça, como se Jesus estivesse dizendo que riscará do livro da vida o nome dos perdedores. Mas uma vez que em Cristo somos mais que vencedores (Rm 8:37), não há eleitos perdedores! A vitória que o Cabeça obteve é destinada ao Seu corpo! Por isso Paulo escreve: "Contudo, graças a Deus, que sempre nos conduz vitoriosamente em Cristo, e por nosso intermédio exala em toda parte o bom perfume do seu conhecimento" (2Co 2:14).

Olhe mais detidamente para essas promessas. A Bíblia ensina que a vontade do Pai é que *nenhum* dos eleitos se perca, que *nenhuma* das ovelhas irá perecer, que o vencedor *jamais* terá o nome riscado do livro da vida, que Deus *sempre* nos conduz em triunfo!

Ao comentar João 6:39, Calvino escreveu que com a sentença "que nenhum eu perca" Jesus quer dizer "que não é o guardião de nossa salvação por apenas uns dias, ou por poucos dias, mas que cuidará dela até o fim, de modo que nos conduzirá, por assim dizer, do início ao término de nossa trajetória".[7] E no seu comentário de João 10:28 Calvino assevera:

> É um inestimável fruto da fé o fato de Cristo nos convidar a nos convencermos de segurança quando somos conduzidos pela fé ao seu redil. Mas também devemos observar sobre que fundamento repousa essa certeza. É porque ele será o fiel guardião de

[7] CALVINO, J. **Comentário do Evangelho de João**. São José dos Campos, SP: Fiel, v. I, 2015. 273 p.

> nossa salvação, pois testifica que nossa salvação está em suas mãos. E se isso não fosse suficiente, ele diz que serão seguramente guardados pelo poder de seu Pai. Esta é uma passagem notável, por meio da qual somos ensinados que a salvação de todos os eleitos não é menos infalível do que é o poder de Deus invencível.[8]

O entendimento de Calvino é que somos dependentes de Deus não somente em relação ao início da fé, mas também em relação à permanência nela. Em outras palavras, perseveramos até o fim porque Cristo é o guardião de nossa fé!

Agora citaremos um último texto de apoio a essa doutrina. Certamente, poderíamos citar mais textos bíblicos que a corroboram, mas nos limitaremos a esse por se tratar de um estudo introdutório. Trata-se de Romanos 5:10: "Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já

[8] CALVINO, J. **Comentário do Evangelho de João**. São José dos Campos, SP: Fiel, v. I, 2015. 453 p.

reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rm 5:10). Nos capítulos precedentes de Romanos, Paulo discorre sobre a doutrina da justificação pela fé (*Sola fide*). Recebemos o perdão e a sentença de que somos inocentes por meio da fé e com base no mérito de Cristo. Por meio do sacrifício na cruz Jesus obteve para seu povo a reconciliação com Deus. Mas se a morte de Cristo rasgou o escrito de dívida que havia contra nós (Cl 2:13-14), muito mais, tendo sido já reconciliados, "seremos salvos pela sai vida"! Aquilo que Deus faz pelos seus eleitos depois de trazer eles a fé em Cristo não é menos. Antes, é muito mais!

## PASSAGENS DIFÍCEIS

Até aqui vimos que a doutrina da perseverança dos santos é o claro ensinamento das Escrituras. Também aprendemos um princípio hermenêutico chamado analogia da fé. Dentre outras coisas, esse princípio nos informa que devemos "usar passagens mais claras para interpretar as que são menos claras". As passagens citadas acima

mostram claramente que Deus preserva seus eleitos e que nenhuma das ovelhas de Cristo perecerá. Se alguma passagem parecer contrária a esse ensino, devemos ter cuidado, pois não há contradições na Bíblia.

Uma passagem que parece ensinar que os eleitos podem perder a salvação é Mateus 24:13: “Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo”. A conclusão apressada e equivocada de alguns sobre essa passagem é: o que não perseverar até o fim perderá a salvação! Agora, se lermos atentamente concluiremos que o texto não diz isso. Façamos a seguinte pergunta: quem será salvo? O texto afirma que será salvo aquele que perseverar até o fim. E o que acontecerá com aqueles que não perseveram até o fim? Por implicação necessária, eles não serão salvos. Isso é tudo que podemos extrair do texto. Não podemos dizer que alguns perderam ou perderão a salvação. Isso é dizer mais do que o texto permite.

A próxima passagem utilizada para ensinar a perda de salvação é João 15:6: “Se alguém não permanecer em mim, será como o ramo que é jogado fora e seca. Tais ramos são apanhados, lançados ao fogo e queimados”. Sam Storms, ao analisar essa passagem, mostra que há três interpretações possíveis para identificar os ramos infrutíferos. Os pelagianos e semipelagianos afirmam que tais ramos são crentes genuínos que perdem a salvação por não darem frutos. Boa parte dos arminianos concorda com essa interpretação, embora haja arminianos que entendem que crentes genuínos não podem perder a salvação. Alguns calvinistas afirmam que os ramos infrutíferos são crentes genuínos que entram em disciplina e são cortados da vida aqui na terra, mas não perdem a salvação. A terceira opção é que esses ramos infrutíferos não são crentes genuínos, mas têm apenas uma ligação externa com a videira, não recebendo assim a seiva da videira e, consequentemente, não podem dar frutos por não terem uma ligação vital. Mas é possível que pessoas acreditem no evangelho sem, todavia, dar frutos? O

próprio Jesus afirma que alguns recebem a palavra com alegria, mas não têm duração (Mt 13:20-21). É possível que tais pessoas sejam aqueles ramos infrutíferos, pois na mesma passagem Jesus fala que "o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta" (Mt 13:23).

Mas Sam Storms[9] aponta ainda mais razões para a interpretação de que os ramos infrutíferos não são crentes genuínos. Ele ressalta que Jesus lançará fora os ramos que não dão frutos. Porém, os eleitos não serão lançados fora: "Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (João 6:37). Supor que lançar ramos infrutíferos fora é equivalente à perda de salvação é dizer que o próprio Jesus ensina coisas contraditórias! Longe de nós afirmarmos tal blasfêmia!

---

[9] STORMS, S. João 15:1-6 e a Segurança do Crente. **Monergismo**. Disponivel em: <http://www.monergismo.com/textos/perseveranca/joao_15_seguranca_storms.htm>. Acesso em: 2 agosto 2018.

Outro texto utilizado para ensinar que crentes genuínos podem perder a salvação é Hebreus 6:4-6:

> Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus, e o expõem ao vitupério.

Essa talvez seja uma das passagens mais difíceis quando se trata da doutrina da perseverança dos santos. Esse texto fala de pessoas que provaram o "dom celestial", se "fizeram participantes do Espírito Santo", provaram "a boa palavra de Deus". Mas lembre-se de que Jesus falou acerca de pessoas que receberam a palavra com alegria, mas ainda assim não tinha um coração transformado para frutificar. O comentário de Sam Storms acerca desse

texto nos ajuda a enxergar alguns detalhes que algumas vezes passam despercebidos:

> Primeiramente, a situação descrita nos versos 4-6 é ilustrada nos versos 7-8. Lá nós lemos, "Porque a terra que embebe a chuva, que muitas vezes cai sobre ela [este beber chuvas frequentes refere-se às bênçãos dos versos 4-5: iluminação, participar do Espírito, provar bênçãos espirituais, etc.], e produz erva proveitosa para aqueles por quem é lavrada, recebe a bênção de Deus; mas a que produz espinhos e abrolhos [isto corresponde à queda do v.6a], é reprovada, e perto está da maldição; o seu fim é ser queimada. A chuva cai em todos os tipos de solo, mas não se pode dizer, apenas com base nisso, que tipo de vegetação, se haverá alguma, aparecerá. A figura aqui não é de um solo que recebe chuva frequente, dá vida e vegetação, e então a perde. A figura é sobre dois tipos de solo juntos. Um responde à chuva [bênçãos e oportunidades espirituais] por produzir vegetação abundante, enquanto o outro é estéril, sem vida e, assim condenado. Da mesma forma, pessoas que ouvem o evangelho e respondem com fé salvífica manifestam vida. Outras, entretanto, que sentam na igreja, ouvem a

> verdade e são abençoadas pelo ministério do Espírito Santo mas que eventualmente viram suas costas a tudo isso, são como um campo em que nunca floresce vegetação e assim vão a julgamento.[10]

## SANTO AGOSTINHO E O DOM DA PERSEVERANÇA

Um blogueiro anti-calvinista publicou um artigo sem identificação do autor, mas que foi traduzido de outro blog denominado *Traditional Baptist Chronicles*. Farei uma breve análise desse texto para mostrar como arminianos torcem a realidade para atacarem a doutrina bíblica. Assim como o autor desse texto, concordamos que não devemos nos apoiar em Santo Agostinho ou em Calvino, mas somente nas Escrituras. Por isso nossa exposição foi majoritariamente bíblica, havendo tão somente esparsas referências históricas. Contudo,

[10] STORMS, S. Hebreus 6:4-6 e a Possibilidade de Apostasia. **Monergismo**. Disponivel em: <http://www.monergismo.com/textos/perseveranca/hebreus_6_apostasia_storms.htm>. Acesso em: 2 agosto 2018.

uma vez que Agostinho é frequentemente citado por calvinistas, e levando em consideração a afirmação inicial do artigo supramencionado de que Agostinho não acreditava na perseverança dos santos, apresentamos aqui essa breve peça apologética.

O autor nos informa que "o propósito deste paper é demonstrar que Agostinho não mantinha este dogma"[11], isto é, o dogma da perseverança dos santos. O autor começa citando alguns trechos de uma obra de Santo Agostinho intitulada "A correção e a graça" em que, aparentemente, Agostinho defende a perseverança dos santos. Mas logo em seguida ele cita passagens dessa mesma obra em que Agostinho parece ensinar que os crentes genuínos podem perder a salvação. Nosso intuito aqui é demonstrar como o segundo grupo de passagens

[11] SANTO Agostinho Contra a perseverança dos santos. **Traduções Crédulas**. Disponivel em: <https://credulo.wordpress.com/2013/03/21/traducoes-credulas-santo-agostinho-contra-perseveranca-dos-santos/>. Acesso em: 2 agosto 2018.

citadas foram tiradas do contexto e mal interpretadas.

A primeira citação é retirada do capítulo VI: “Se, porém, já sendo regenerado e justificado, ele relapsa de sua própria vontade para uma vida maligna, asseguradamente ele não pode dizer ‘Eu não recebi’, porque de sua própria livre escolha para malignidade ele perdeu a graça de Deus, que havia recebido”. A conclusão retirada pelo autor é: “Agora esta pessoa é regenerada e justificada e ainda assim perde a graça”.[12] Vejamos agora se é isso o que de fato está sendo ensinado por Agostinho.

Em primeiro lugar é preciso entender o que motivou a escrever esse tratado intitulado *De Correptione et gratia*. Em um tratado anterior Agostinho havia abordado a questão do livre-arbítrio e da graça. No que diz respeito ao livre-arbítrio,

[12] SANTO Agostinho Contra Perseverança dos Santos. **Traduções Crédulas**. Disponivel em: <https://credulo.wordpress.com/2013/03/21/traducoes-credulas-santo-agostinho-contra-perseveranca-dos-santos/>. Acesso em: 3 agosto 2018.

Agostinho "enfatiza principalmente sua inabilidade radical para assegurar o princípio, a continuação, ou a perseverança do santo para a vida eterna".[13] No entanto, alguns do monastério de Hadrumetum que leram a obra de Agostinho "concluíram que, visto que a continuação e perseverança na graça era um dom de Deus, então ninguém deveria ser corrigido ou repreendido por suas faltas, apostasias, ou fracassos espirituais".[14] A obra *De Correptione et gratia* foi escrita para corrigir esse mal entendido. Então é preciso ter em mente que Agostinho defende que a perseverança na graça é um dom de Deus e está escrevendo para corrigir os equívocos e refutar as objeções a essa doutrina.

---

[13] KNAPP, H. Agostinho e Owen sobre a perseverança. **Monergismo**. Disponivel em: <http://www.monergismo.com/textos/perseveranca/agostinho_owen_perseveranca_knapp.pdf>. Acesso em: 3 agosto 2018.

[14] KNAPP, H. Agostinho e Owen sobre a perseverança. **Monergismo**. Disponivel em: <http://www.monergismo.com/textos/perseveranca/agostinho_owen_perseveranca_knapp.pdf>. Acesso em: 3 agosto 2018.

Agostinho inicia o capítulo VI citando 1Co 4:7 para assegurar que a perseverança é um dom de Deus. Nesse versículo o apóstolo Paulo diz: “Porque, quem te faz diferente? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?”. Mas os oponentes de Agostinho questionam: “Por que então somos corrigidos, arguidos, repreendidos e acusados? O que fazer, se não recebemos?”. O apóstolo Paulo ensina que se temos fé, se perseveramos, não devemos nos gloriar, pois aquilo que temos não vem de nós mesmos: “E que tens tu que não tenhas recebido”. Mas agora os oponentes de Agostinho dizem que não podem ser repreendidos por seus pecados, pois “o que fazer, se não recebemos?”, perguntam eles.

Agostinho responde que há um motivo para a repreensão mesmo daqueles que não receberam o dom da graça. O motivo é que o primeiro homem foi criado por Deus em retidão, mas, usando mal sua liberdade, desviou-se dessa retidão. E Agostinho

mostra como também somos responsáveis por esse desvio, pois em Adão todos pecaram (Rm 5:12).

Essa repreensão, de acordo com Agostinho, pode ser dirigida a um eleito e a partir dela pode desabrochar a regeneração:

> Portanto, merece repreensão a origem culpável, para que da dor do coração desabroche o desejo da regeneração. Isso no caso de o corrigido ser filho da promessa, de sorte que, soando externamente o ruído da correção e penitenciando-se, Deus venha a infundir em seu interior, por uma misteriosa inspiração, uma vontade decidida.[15]

Tendo explorado brevemente o contexto da discussão de Agostinho sobre a correção e o dom da perseverança, podemos explorar agora a citação feita por *Traditional Baptist Chronicles* e sua conclusão de que a "pessoa é regenerada e justificada e ainda assim perde a graça". Na realidade, a citação de Agostinho foi não apenas tirada do contexto, como

[15] AGOSTINHO, S. **A Graça II**. São Paulo: Paulus, v. XIII, 2000. 54 p.

também omite uma parte importante. Vejamos o texto citado com a parte que foi omitida:

> Mas, em se tratando de alguém já regenerado e justificado e que recai na infidelidade voluntariamente, não poderá dizer: "Não recebi", visto que pela sua livre vontade preferiu o mal à graça de Deus recebida. E se, ferido salutarmente pela correção, chora seu pecado e retorna às boas ou melhores obras antigas, então fica evidente a utilidade da correção. Mas, para ser proveitosa, a repreensão que parte do homem, feita ou não com amor, é sempre obra de Deus.[16]

Fica patente nessa citação de Agostinho que ele não ensina aqui que a pessoa regenerada e justificada perde a graça. Antes, ele ensina que os eleitos também podem cometer pecados. E quando cometem pecados, não podem se esquivar da correção dizendo "Não recebi". A correção, quando é obra de Deus, é proveitosa, isto é, fere de maneira

[16] AGOSTINHO, S. **A Graça II**. São Paulo: Paulus, v. XIII, 2000. 54 p.

salutar aquele que é corrigido. Nesse caso, o corrigido chora seu pecado e retorna às boas obras.

A próxima citação que *Traditional Baptist Chronicles* faz de Agostinho é um trecho cuja redação dificulta a interpretação. A citação é:

> É tal a pessoa que está indisposta a ser repreendida ainda capaz de dizer "O que tenho eu feito – eu que não recebi?" quando claramente aparece que ele recebeu, e por sua própria falha perdeu o que recebeu? "Sou capaz", diz ele, "sou completamente capaz – quando me reprovar por ter de minha própria vontade recaído de uma boa vida para uma má vida – ainda dizer, O que eu fiz- eu que não recebi? Porque eu recebi fé, que opera por amor, mas não recebeu perseverança nela até o fim?".[17]

[17] SANTO Agostinho Contra Perseverança dos Santos. **Traduções Crédulas**. Disponivel em: <https://credulo.wordpress.com/2013/03/21/traducoes-credulas-santo-agostinho-contra-perseveranca-dos-santos/>. Acesso em: 3 agosto 2018.

Novamente, uma parte importante do texto de Agostinho foi omitida, o que compromete o entendimento do texto. Dissemos que Agostinho quer estabelecer o seguinte ponto: a correção é válida mesmo que a perseverança seja um dom de Deus. Os oponentes de Agostinho estão dizendo que, se a perseverança é dom de Deus, toda correção e repreensão são inválidas. O trecho supracitado então identifica uma objeção à ideia de que a perseverança é dom de Deus. Vamos tentar deixar essa objeção mais compreensível, colocando-a na estrutura de diálogos. Suponhamos que há dois participantes nesse diálogo: Agostinho e Oponente. A primeira fala é de Agostinho. Ele diz:

Agostinho – A perseverança é dom de Deus, pois Paulo ensina isso em 1Co 4:7.

Oponente – Conheço uma pessoa que se converteu ao cristianismo e depois se desviou. Parece que ela recebeu o dom da fé, mas depois perdeu o que recebeu. Se a perseverança é fruto de nosso livre-arbítrio, então eu posso repreender essa pessoa que

não perseverou. Mas se a perseverança é dom de Deus, quando eu repreender essa pessoa ela dirá: "por que você está me repreendendo? Eu recebi a fé que opera pelo amor, mas não perseverei porque não recebi o dom!".

No diálogo acima fiz uma paráfrase da citação de Agostinho para compreendermos a objeção que está sendo levantada contra a ideia de que a perseverança é dom de Deus. O "Oponente" diz que se a perseverança é dom de Deus, então aquele que se desviar irá se esquivar da correção dizendo que não recebeu o dom, ao invés de se corrigir. Mas Agostinho responde essa objeção em seguida. A resposta de Agostinho, omitida no artigo de *Traditional Baptist Chronicles*, mostra como Agostinho defendeu a perseverança dos santos:

> Nós também não negamos que a perseverança final no bem seja um excelente dom de Deus e que sua procedência seja aquele do qual está escrito: *Todo dom precioso e toda dádiva perfeita vêm do alto, descendo do Pai das luzes* (Tg 1,17). Mas não se conclui que não seja necessária a

> correção a quem não perseverar, a não ser que Deus lhe conceda o arrependimento e se esquive dos laços diabólicos (2Tm 2,26).[18]

A próxima citação no artigo de *Traditional Baptist Chronicles* é:

> É, de fato, de se admirar, e grandemente se admirar, que alguns de Seus próprios filhos – os quais Ele regenerou em Cristo – aos quais Ele deu fé, esperança, e amor, Deus não lhes dê perseverança também, quando para filhos de outrem Ele perdoa tais malignidades, e, pela concessão de Sua graça, os faz Seus próprios filhos.[19]

Com essa citação, *Traditional Baptist Chronicles* quer alegar que Agostinho entendia que Deus regenera seus próprios filhos, dá a eles a fé,

---

[18] AGOSTINHO, S. **A Graça II**. São Paulo: Paulus, v. XIII, 2000. 54 p.

[19] SANTO Agostinho Contra Perseverança dos Santos. **Traduções Crédulas**. Disponivel em: <https://credulo.wordpress.com/2013/03/21/traducoes-credulas-santo-agostinho-contra-perseveranca-dos-santos/>. Acesso em: 3 agosto 2018.

mas não dá a perseverança. Lendo apenas essa citação, parece que *Traditional Baptist Chronicles* comprovou cabalmente que Agostinho não manteve o dogma da perseverança dos santos. Contudo, não sejamos precipitados. Vejamos o contexto dessa citação. Ela está no capítulo VIII da obra de Agostinho.

A linguagem de Agostinho pode confundir o leitor desatento. Mas ele diferencia de maneira clara dois tipos de pessoas chamadas "filhos de Deus". Uns são filhos de Deus por profissão, isto é, professam a mesma fé dos verdadeiros filhos de Deus. Outros são filhos de Deus em virtude da predestinação. Os filhos de Deus por profissão não são considerados "filhos" pelo próprio Deus. Antes, somos nós que os chamamos filhos de Deus, pois professam a mesma fé que nós. Eles estão entre os muitos que são chamados, mas não são escolhidos. Eles estão no nosso meio, mas não são dos nossos. A evidência que não são dos nossos é que eles não

perseveram na fé (1João 2:19). Para citar o próprio Agostinho:

> E não nos impressione o fato de Deus não conceder o dom da perseverança a alguns de seus filhos. É claro que isto não aconteceria, se se tratasse daqueles predestinados e *chamados segundo seus desígnios*, os quais são *os filhos da promessa*. Mas aqueles outros, enquanto vivem cristãmente, são chamados filhos de Deus; mas como hão de viver na impiedade e na impiedade morrer, não os podemos chamar filhos de Deus pela presciência divina.[20]

Em outras palavras, Agostinho chama filhos de Deus dois grupos de pessoas: aqueles que vivem e morrem na impiedade, mas a aparência externa é de um filho de Deus. Tal pessoa vai à igreja, ouve a palavra, mas não são filhos predestinados. São filhos de Deus apenas pela aparência. O próprio Deus não reconhece tais

[20] AGOSTINHO, S. **A Graça II**. São Paulo: Paulus, v. XIII, 2000. 60-61 p.

pessoas como seus filhos. Agostinho interpreta o texto de 1João 2:19 como evidência de que aqueles que não permanecem, isto é, não perseveram, não são filhos predestinados de Deus:

> Portanto, quando os filhos de Deus dizem a respeito dos que não perseveraram: *Eles saíram de entre nós, mas não eram dos nossos,* e acrescentam: *Se tivessem sido nossos, teriam permanecido conosco,* acaso não afirmam que não eram filhos, embora declarassem sê-lo e tivessem este nome, não, porém, por hipocrisia, mas porque não perseveraram? O apóstolo João não diz: "Se tivessem sido dos nossos, teriam praticado conosco a verdadeira e não a fingida justiça". Mas diz: *Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco.* Desejava, sem dúvida, que perseverassem no bem, pois certamente praticavam o bem. Mas porque nele não perseveraram até o fim, "não eram dos nossos", diz ele. Em outras palavras: quando estavam conosco, não pertenciam ao número dos filhos, mesmo professando a fé dos filhos. Os que de fato são filhos, ele os conheceu e predestinou a serem conforme à imagem de seu Filho, e foram chamados segundo seus desígnios (Rm 8,28-29), para serem

> escolhidos. Pois o que perece não é o filho da promessa, mas o filho da perdição (Jo 17,12). Estes cristãos fizeram parte do inumerável grupo dos chamados, mas não pertenceram ao pequeno número dos escolhidos. Deus não concedeu a perseverança a seus filhos não predestinados; tê-la-iam, se fossem enumerados entre os filhos. E o que possuiriam que não tivessem recebido (1Cor 4,7), de conformidade com a verdadeira e apostólica sentença? E assim, tais filhos teriam sido dados ao Cristo Filho, de acordo com que ele disse ao Pai: *Que eu não perca nenhum dos que me deste* (Jo 6,39), *mas tenha a vida eterna* (Jo 3,15).[21]

E com relação aos filhos da promessa, ou seja, os filhos de Deus que são predestinados? Será que é possível que eles não recebam o dom da perseverança? Agostinho responde:

> São considerados como dados a Cristo os que foram destinados à vida eterna. Estes são os predestinados e chamados segundo seu desígnio, e

[21] AGOSTINHO, S. **A Graça II**. São Paulo: Paulus, v. XIII, 2000. 61 p.

> nenhum deles perecerá. E consequentemente nenhum deles se desviará do bem para o mal antes de terminar esta vida, porque estão de tal modo destinados e dados a Cristo, que não hão de perecer, mas terão a vida eterna. Da mesma forma, aqueles que dizemos serem seus inimigos ou filhos de seus inimigos, todos eles os há de regenerar e assim terminarão esta vida na fé que opera pela caridade. Antes que isto aconteça, são filhos de Deus pela predestinação e são dados a Cristo para que não pereçam, mas alcancem a vida eterna.[22]

No artigo de *Traditional Baptist Chronicles* outros textos de Agostinho são citados, mas não estabelecem a conclusão do autor, a saber, de que Agostinho não manteve o dogma da predestinação dos santos. O leitor é encorajado a consultar as demais citações e comparar com o que Agostinho escreveu, levando em consideração o contexto. É nossa convicção de que Agostinho ensinou a perseverança dos santos. Contudo, ainda mais

[22] AGOSTINHO, S. **A Graça II**. São Paulo: Paulus, v. XIII, 2000. 61-62 p.

importante é entendermos que esse é o ensinamento das Escrituras.